



SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS

CHILD HEALTH: EPIDEMIOLOGICAL OVERVIEW OF LOW-BIRTH-WEIGHT LIVE INFANTS IN THE AMAZON

SALUD INFANTIL: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE LOS NIÑOS VIVOS CON BAJO PESO AL NACER EN LA AMAZONIA

Pamelly Almeida de Souza¹, Keitiane Aires da Silva², Luan Gabriel Bezerra Pedrosa³

e656393

<https://doi.org/10.47820/recima21.v6i5.6393>

PUBLICADO: 5/2025

RESUMO

Crianças com baixo peso ao nascer representam um grave problema de saúde pública e sua identificação precoce pode proporcionar estratégias preventivas rápidas e eficazes, evitando a possibilidade de complicações gravídicas e resultados perinatais desfavoráveis. Objetivo: Mostrar o panorama epidemiológico de nascidos vivos (RN) com baixo peso no Amazonas nos últimos 5 anos. Metodologia: estudo com desenho retrospectivo, descritivo tendo uma abordagem quantitativa de dados públicos existentes no boletim epidemiológico da FVS/AM. Resultados: De janeiro de 2020 a dezembro de 2024 houve registros de 362.177 nascidos vivos no Amazonas, destes, 30.191 (8,3%) eram recém-nascidos de baixo peso, sendo que a maioria (86,0%) nasceram com peso entre 1.500g a 2.499g. A capital do estado, Manaus, registrou o maior número de casos (N:15.800=52,3%). Outras cidades do Amazonas também registraram um número alto de RN de baixo peso no período, mas nada comparado à capital do estado: Parintins (2,8%), Tefé (2,0%), Itacoatiara (2,3%), Tabatinga (2,0%) e Coari (2,0%). Considerações: Inúmeros aspectos relevantes, tais como o difícil acesso a serviços de saúde, o baixo nível socioeconômico, idade da mãe, comportamentos de risco, hábitos e nutrição inadequada, estão associados à evolução e ao desfecho da gestação. Portanto, há a necessidade de uma particular acompanhamento e atenção à saúde materna para garantir recém-nascidos saudáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Recém-Nascido de Peso Extremamente Baixo ao Nascer. Atendimento Primário de Saúde. Assistência à Saúde da Mulher e da Criança.

ABSTRACT

Children with low-birth-weight represent a serious public health issue, and their early identification can enable rapid and effective preventive strategies, avoiding the possibility of pregnancy complications and unfavorable perinatal outcomes. This study aims to present the epidemiological overview of live births (LB) with low birth weight in Amazonas over the past 5 years. It is a retrospective, descriptive study with a quantitative approach, based on public data from the epidemiological bulletin of FVS/AM. From January 2020 to December 2024, there were 362,177 live births recorded in Amazonas, of which 30,191 (8.3%) were low-birth-weight newborns, with most (86.0%) weighing between 1,500g and 2,499g. The state capital, Manaus, recorded the highest number of cases (N: 15,800 = 52.3%). Other cities in Amazonas also reported a high number of low-birth-weight newborns during the period, though not comparable to the state capital: Parintins (2.8%), Tefé (2.0%), Itacoatiara (2.3%), Tabatinga (2.0%), and Coari (2.0%). Numerous relevant factors - such as limited access to healthcare services, low socioeconomic status, maternal age, risk behaviors, poor habits, and inadequate nutrition - are associated with pregnancy development and outcomes. Therefore, special monitoring and maternal health care are essential to ensure healthy newborns.

KEYWORDS: *Extremely Low Birth Weight Newborn. Primary Health Care. Health Care for Women and Children.*

¹ Graduanda pelo Centro Universitário Nilton Lins – UNINILTONLINS.

² Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Nilton Lins – UNINILTONLINS.

³ Enfermeiro Mestre – docente do curso de enfermagem no Centro Universitário Nilton Lins – UNINILTONLINS.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

RESUMEN

Los niños con bajo peso al nacer representan un grave problema de salud pública, y su identificación temprana puede permitir estrategias preventivas rápidas y eficaces, evitando la posibilidad de complicaciones gestacionales y resultados perinatales desfavorables. Este estudio tiene como objetivo presentar el panorama epidemiológico de los nacidos vivos (NV) con bajo peso en el estado de Amazonas en los últimos 5 años. Se trata de un estudio retrospectivo y descriptivo, con enfoque cuantitativo, basado en datos públicos del boletín epidemiológico de la FVS/AM. Entre enero de 2020 y diciembre de 2024 se registraron 362.177 nacidos vivos en Amazonas, de los cuales 30.191 (8,3%) fueron recién nacidos con bajo peso, siendo que la mayoría (86,0%) nacieron con peso entre 1.500g y 2.499g. La capital del estado, Manaus, registró el mayor número de casos (N: 15.800 = 52,3%). Otras ciudades de Amazonas también registraron un número elevado de NV con bajo peso en el período, aunque en menor proporción que la capital: Parintins (2,8%), Tefé (2,0%), Itacoatiara (2,3%), Tabatinga (2,0%) y Coari (2,0%). Diversos factores relevantes, como el difícil acceso a los servicios de salud, el bajo nivel socioeconómico, la edad materna, los comportamientos de riesgo, los hábitos y la nutrición inadecuada, están asociados a la evolución y al desenlace del embarazo. Por lo tanto, se requiere un seguimiento especial y atención a la salud materna para garantizar recién nacidos saludables.

PALABRAS CLAVE: Recién nacido con peso extremadamente bajo al nacer. Atención Primaria de Salud. Atención sanitaria para mujeres y niños.

1. INTRODUÇÃO

O baixo peso ao nascer é entendido como o peso de nascimento abaixo de 2.500 gramas e tal é considerado um importante preditor de morbimortalidade infantil. As crianças nascidas com baixo peso possuem risco de morte 20 vezes maior quando comparadas àquelas de maior peso¹.

Crianças com baixo peso ao nascer representam um grave problema de saúde pública a sua identificação precoce pode indicar estratégias preventivas rápidas e eficazes, proporcionando a redução de complicações gravídicas e resultados perinatais desfavoráveis².

Anualmente, mais de 15 milhões de nascimentos no mundo ocorrem antes do tempo e cerca de 3,6 milhões de bebês morrem nos primeiros 28 dias de vida (período neonatal), tendo as complicações da prematuridade como causa direta em aproximadamente 29% dos casos. O Brasil está na décima posição entre os países onde mais nascem prematuros, com cerca de 250 mil ocorrências ao ano. A prematuridade é um dos maiores desafios da atenção obstétrica, sendo o parto pré-termo definido como aquele cuja gestação termina antes de 37 semanas completas³.

Mais de 20 milhões de recém-nascidos no mundo apresentam baixo peso ao nascer (BPN), o que levou a OMS a estabelecer uma meta de redução de 30% até 2025. Para alcançar esse objetivo, é necessário que os países em desenvolvimento implementem políticas eficazes para abordar os fatores contribuintes⁴.

As principais causas desse desfecho são o nascimento pré-termo, o retardo do crescimento intrauterino e a desnutrição fetal. As condições ao nascimento resultam de uma complexa relação entre fatores de várias dimensões. Estudos têm se detido especialmente na relação entre desfechos indesejáveis da gestação e condições genéticas e constitucionais, demográficas e socioeconômicas, nutricionais, obstétricas e de atenção pré-natal. Em filhos de adolescentes, por exemplo, o BPN tem



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

sido associado com baixa renda e condições de moradia inadequadas, em geral aferidas pelo tipo de habitação e acesso à rede geral de saneamento básico⁵.

Outros estudos também enfatizam que dentre as variáveis associadas ao baixo peso ao nascer, a data de nascimento-DN contempla algumas delas como paridade, idade materna, abortos e/ou natimortos anteriores, duração da gestação, tipo de parto, sexo do recém-nascido, número de consultas e instrução materna, variáveis estas consideradas sociodemográficas e clínicas⁶.

A maior adesão ao pré-natal está diretamente ligada à redução do baixo peso ao nascer (BPN), sendo que, a baixa frequência do primeiro é uma das maiores causas do segundo. Muitos estudos reafirmam que a importância da priorização de um pré-natal eficaz, como um fator que pode contribuir na redução do BPN⁷.

Um estudo realizado com o objetivo de analisar as principais características dos recém-nascidos de baixo peso ao nascer que foram a óbito em Cuiabá-MG, mostrou que os óbitos neonatais se relacionaram com a qualidade da atenção obstétrica e neonatal, por se tratar majoritariamente de mortes evitáveis⁸.

Apesar da variação entre observadores na avaliação do escore de Apgar, ele permanece um indicador útil das condições gerais do recém-nascido. Em um estudo que teve como meta O presente trabalho é um estudo de corte transversal baseado na população de nascidos vivos no Brasil no ano de 1999 e no biênio 2018-2019 mostrou que 2,1% dos recém-nascidos tiveram Apgar de 5º minuto < 7 em 1999, em comparação com 0,9% em 2018-2019⁹.

Conhecer o panorama epidemiológico de nascidos vivos com baixo peso é crucial para identificar as causas e consequências da prematuridade e do baixo peso ao nascer, que são fatores de risco para a sobrevivência e desenvolvimento infantil. Este conhecimento permite o desenvolvimento de políticas e ações de saúde mais eficazes, direcionadas para a prevenção e o tratamento desses problemas. Portanto, mediante o que foi referenciado acima, enfatiza-se que o objetivo deste estudo é mostrar o panorama epidemiológico de nascidos vivos com baixo peso no Amazonas nos últimos 5 anos

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se da confecção de um estudo com desenho retrospectivo, descritivo, tendo uma abordagem quantitativa de dados públicos. Os dados coletados foram obtidos diretamente do Site Fundação de Vigilância em Saúde-FVS-RCP do Amazonas-AM, Boletim Epidemiológico de Agravos da Saúde referente à janeiro de 2020 até dezembro de 2024. Só foram úteis para este estudo informações existentes nesses Boletins do estado do Amazonas sobre o tema no período proposto pelo estudo.

Como tratou-se de um estudo que trabalhou com a tipificação de dados públicos, não necessitou de apreciação ética conforme a Resolução 674/22 da CONEP.

Esta pesquisa apresenta riscos mínimos, pois o estudo é baseado em coleta de dados secundários (dados públicos).



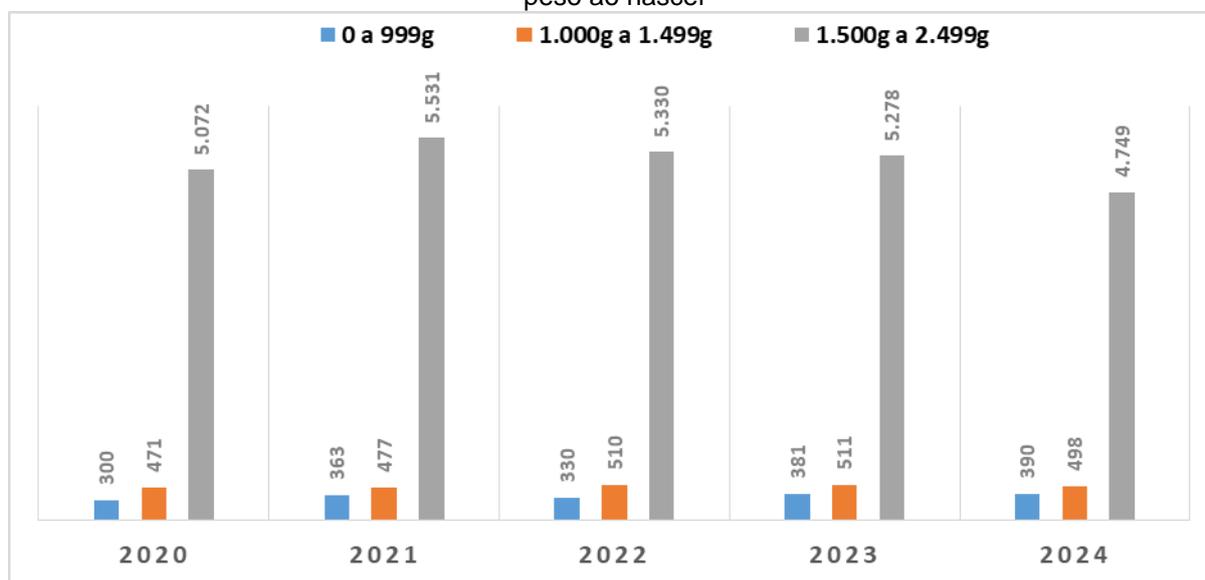
RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De janeiro de 2020 a dezembro de 2024 houve registros de 362.177 nascidos vivos no Amazonas, destes, 30.191 (8,3%) eram recém-nascidos de baixo peso, sendo que a maioria (86,0%) nasceram com peso entre 1.500g a 2.499g. A capital do estado, Manaus, registrou o maior número de casos (N:15.800=52,3%). Outras cidades do Amazonas também registraram um número alto de RN de baixo peso no período, mas nada comparado a capital do estado: Parintins (2,8%), Tefé (2,0%), Itacoatiara (2,3%), Tabatinga (2,0%) e Coari (2,0%).

Gráfico 1: Número total de nascidos vivos entre os anos de 2020 e 2024 no Amazonas, segundo o peso ao nascer



Fonte: boletim epidemiológico FVS/AM

https://www.fvs.am.gov.br/indicadorSalaSituacao_view/41/2

No gráfico 01 é possível visualizar o número total de nascidos vivos considerando o peso ao nascer. Percebe-se que a maioria dos neonatos então entre os que nasceram com peso normal (peso entre 1,500g a 2.499g), mas existe um número significativo daqueles que nasceram com peso menor que 1.499g e com baixo peso extremo, que são aqueles que nasceram com menos de 999g. Crianças com peso inferior a 1kg ao nascer são classificadas como tendo baixo peso, especificamente como extremo baixo peso. Bebês nessa categoria geralmente são prematuros e enfrentam riscos significativos de saúde, como problemas respiratórios e necessidade de cuidados intensivos.

Por tudo isso é que o baixo peso ao nascer (BPN) é um dos maiores determinantes para a sobrevivência perinatal e morbimortalidade, além de se associar ao alto risco de distúrbios do desenvolvimento no futuro. Vale ressaltar que a mortalidade neonatal entre as crianças nascidas com peso menor que 2500 gramas é 20% maior do que as nascidas com peso normal¹⁰.

Portanto, após o nascimento, há a necessidade de uma equipe multidisciplinar comprometida com a qualidade da assistência a esses prematuros, no sentido de obter o máximo benefício que o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

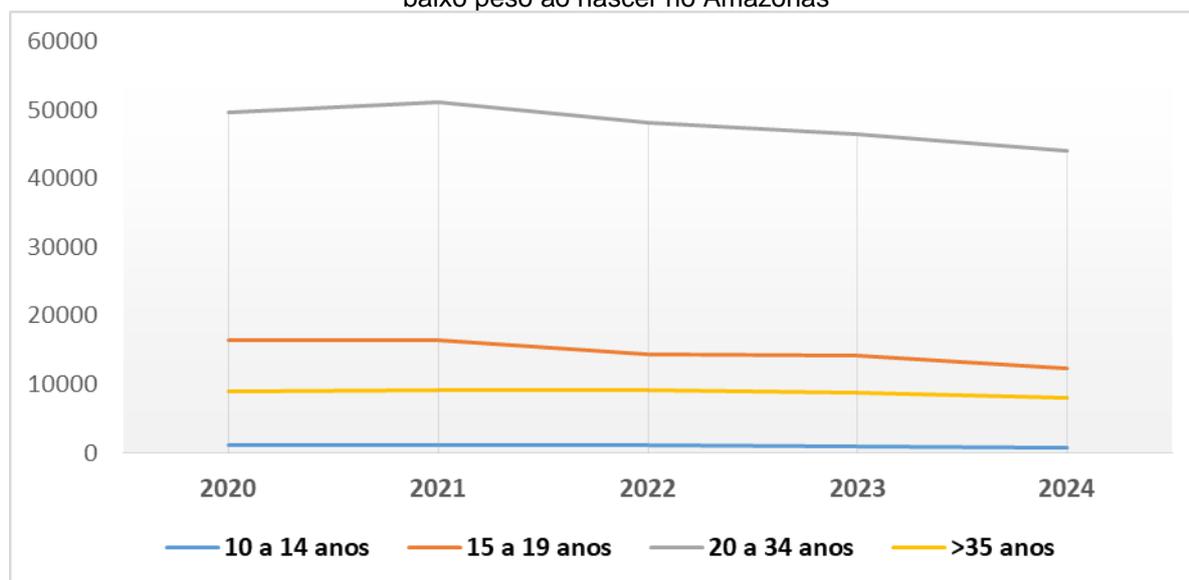
SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

acompanhamento multidisciplinar pode oferecer a essas crianças. Desta forma, podemos propiciar não somente uma maior sobrevivência a essas crianças, mas também uma sobrevivida digna, com possibilidade de integração à sociedade¹¹.

Contudo, o Brasil é o decimo país com a maior taxa de nascimentos prematuros no mundo, sendo a região norte brasileira a que apresenta o maior percentual de óbitos nessa população. Contudo, poucos estudos epidemiológicos existem sobre o perfil clínico dos recém-nascidos (RN) no Norte do Brasil¹².

O elevado índice de mortalidade neonatal é um problema de saúde pública mundial, tendo a prematuridade e a Síndrome do Desconforto Respiratório Neonatal (SDRN) como principais causas. O Amazonas é o segundo estado brasileiro com maior número de óbitos neonatais. Devido à escassez de informações sobre os recém-nascidos (RNs) da região Norte do Brasil¹³.

Gráfico 2: Visão panorâmica, por anos, das faixas etárias das mães de recém-nascidos vivos com baixo peso ao nascer no Amazonas



Fonte: boletim epidemiológico FVS/AM
https://www.fvs.am.gov.br/indicadorSalaSituacao_view/41/2

O gráfico acima mostra uma realidade existente, não somente no Amazonas, mas em quase todas as cidades brasileiras: a crescente curva estatística do número de mães-adolescentes (gravidez precoce). A gravidez na adolescência pode trazer riscos à mãe e ao bebê, além de ter impactos psicológicos. Também mortalidade materna, anemia, eclampsia, diabetes gestacional, hipertensão e depressão pós-parto. Outro dado interessante que merece muita atenção, é o fato de existir uma curva crescente de mães acima dos 35 anos. A gravidez após os 35 anos pode apresentar riscos maiores para a mãe e para o bebê

Baixo peso ao nascer (BPN) é quando um recém-nascido pesa menos que 2.500 gramas, independentemente da idade gestacional. Bebês com baixo peso ao nascer têm um maior risco de complicações de saúde, como desnutrição, problemas de desenvolvimento e doenças



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

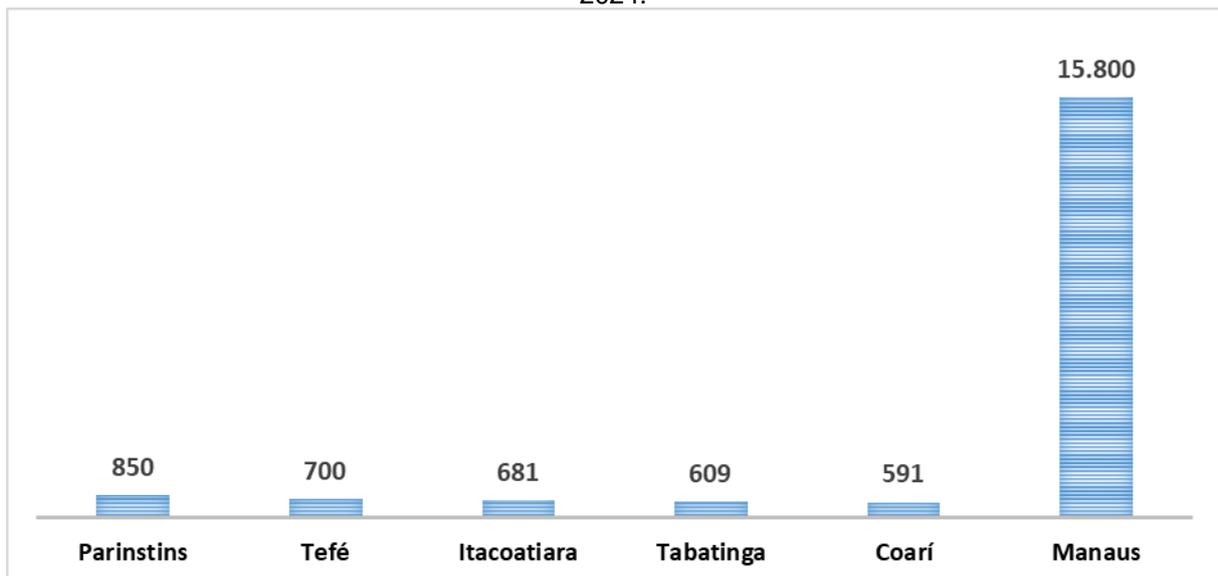
cardiovasculares. A idade materna influencia significativamente na ocorrência de parto prematuro e baixo peso ao nascimento, sendo justificadas políticas de saúde estaduais mais operante em relação ao pré-natal de qualidade¹⁴.

O peso ao nascer é um marcador das condições intrauterinas e é o fator de maior influência na saúde e sobrevivência da criança recém-nascida. Muitos estudos apontam para a importância do investimento na Estratégia de Saúde da Família, focando cuidados durante o pré-natal para que possam contribuir na redução da incidência das gestações de risco ou que minimizem os efeitos deletérios dos problemas surgidos durante a gestação, como forma de reduzir a magnitude desse importante evento de saúde pública¹⁵.

Nessa perspectiva, a gravidez precoce deve ser considerada de risco. Inúmeros aspectos relevantes, tais como o difícil acesso a serviços de saúde, o baixo nível socioeconômico, comportamentos de risco, hábitos e nutrição inadequada, demonstram a necessidade de controle dos diversos fatores associados à evolução e ao desfecho da gestação e condições de saúde do recém-nascido e, conseqüentemente, uma particular atenção à saúde materna e fetal¹⁶.

A mortalidade infantil diminuiu de forma acentuada nas três últimas décadas, em grande parte do mundo. Entretanto, no mesmo período, observou-se uma lenta redução da mortalidade neonatal (óbitos entre zero e 27 dias de vida) e, principalmente, da mortalidade neonatal precoce (óbitos entre zero e seis dias de vida). Pesquisadores enfatizam que dois terços dos óbitos no primeiro dia de vida poderiam ser evitados por atenção adequada à mulher na gestação e no parto, e ao Nascido Vivos-NV¹⁷.

Gráfico 3: Quantitativos de nascidos vivos com baixo peso ao nascer, por cidade, no período 2020-2024.



Fonte: boletim epidemiológico FVS/AM
https://www.fvs.am.gov.br/indicadorSalaSituacao_view/41/2



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

O gráfico acima mostra a cidade de Parintins como a que tem o maior número de nascidos vivos com baixo peso, depois de Manaus. Também conhecida como “ilha tupinambarana”, Parintins é a segunda maior cidade do estado do Amazonas, só perdendo para a capital. A ilha se caracteriza por abrigar balneários localizados em beira de lagos, utilizados por turistas e moradores da cidade. Parintins é uma cidade do Amazonas, no Brasil, conhecida como a "terra da magia". É famosa pelo Festival Folclórico de Parintins, que retrata o Boi-Bumbá. Situada no extremo leste do estado do Amazonas. Possui três patamares de altitude: igapós, várzeas e baixos platôs ou terra firme. Relevô predominantemente formado por planaltos, depressões e planícies.

O principal desafio para as mulheres ribeirinhas grávidas reside na dificuldade de acesso a serviços de saúde, como consultas pré-natal e exames, devido à grande distância entre suas comunidades e as unidades de saúde. A falta de acesso a serviços de saúde de qualidade pode ter consequências negativas para a saúde da mãe e do bebê, como baixo peso ao nascer, prematuridade e outros problemas de saúde. A gravidez em si já é um desafio para populações mais pobres e ainda contudo isso, distantes de assistência médica.

Muitas mães da população ribeirinha do Amazonas enfrentam dificuldades de acesso à saúde devido a fatores como a distância, a falta de infraestrutura e a dinâmica dos rios. Reforça-se a importância de buscar conhecer e apresentar a situação de saúde de uma região ribeirinha, sendo fundamental o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pela população, e também pela equipe de saúde¹⁸.

Outro estudo realizado com o objetivos de relatar o impacto que a assistência em uma Unidade Básica de Saúde Fluvial trouxe para a melhoria da assistência às populações ribeirinhas em um município do Amazonas, também evidenciou que os comunitários que vivem na área ribeirinha do município possuem carências no acesso à saúde, educação, informação, dentre outras necessidades. A estratégia de operacionalização da UBS Fluvial trouxe grandes avanços através da implementação dos programas do Ministério da Saúde, neste sentido, fortalecer e avançar nas ações da zona rural é fundamental para a cobertura destes povos¹⁹.

Pesquisas realizadas no Amazonas, desta vez com o objetivo descrever as condições de vida e saúde de ribeirinhos residentes nas comunidades da Floresta Nacional de Pau Rosa, mostraram que os ribeirinhos navegam em média 100 km e demoram cerca de 8,2 horas para acessar a zona urbana do município, o que representa dificuldade de acesso aos serviços de saúde. As limitações geográficas e econômicas constituem barreiras ao acesso aos serviços de saúde e à melhoria das condições de vida dos ribeirinhos podem limitar a aquisição de informações epidemiológicas dessas populações e causar impactos negativos para a qualidade de vida²⁰.

Outro problema vivido pelas parturientes ribeirinhas é a falta de atendimento médico em comunidades ribeirinhas do Amazonas, devido a diversos fatores, como a distância, a falta de estrutura e a precariedade do transporte. Os municípios de Parintins, Itacoatiara e Tabatinga apresentam maior número populacional fora da capital e têm maior número de profissionais. Há tendência de os profissionais buscarem trabalho em capitais e cidades com maior oferta de serviços



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

para desempenhar suas atividades em saúde. Por sua vez, municípios de difícil acesso enfrentam desafio maior para promover a fixação e o provimento de profissionais de saúde²¹.

CONCLUSÃO

Um recém-nascido (RN) é considerado de baixo peso ao nascer quando pesa menos que 2.500 g. A condição de peso ao nascer é considerada como sendo um dos principais fatores a determinar a probabilidade de sobreviver ao período neonatal e mesmo a todo o restante do primeiro ano de vida. No Brasil, o baixo peso ao nascer é um problema que está relacionado com a qualidade da assistência à mãe, a fatores socioeconômicos e a condições de nascimento. Mesmo a vigilância epidemiológica de indicadores de saúde revelando-se de extrema importância para impulsionar a melhoria da assistência à saúde materna e infantil no Amazonas, de janeiro de 2020 a dezembro de 2024, houve registros de 362.177 nascidos vivos, destes, 30.191 (8,3%) eram recém-nascidos de baixo peso, sendo que a maioria (86,0%) nasceram com peso entre 1.500g a 2.499g. A capital do estado, Manaus, registrou o maior número de casos (N:15.800=52,3%). Outras cidades do Amazonas também registraram um número alto de RN de baixo peso no período, mas nada comparado a capital do estado. Estes resultados, que estão de forma mais detalhada acima, poderiam ser mais detalhados e completos se não fosse a falta de informações sobre qual as comunidades ribeirinhas, indígenas ou quilombolas tiveram mais casos de recém-nascidos de baixo peso e qual as possíveis causas. Contudo, ele se mostra importante por trazer subsídio para nortear outras pesquisas ou auxiliar na tomada de decisões da gestão pública.

REFERÊNCIAS

1. Alves JM, et al. Causas associadas ao baixo peso ao nascer: uma revisão integrativa. *Revista Uninga*. 2019;56(S6):85-102. <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2989>
2. Moreira MEFH, et al. Determinantes socioeconômicos e gestacionais do peso ao nascer de crianças nascidas a termo. *Medicina Ribeirão Preto*. 2017;50(2):83-90.
3. De Queiroz MN, et al. Idade gestacional, índice de Apgar e peso ao nascer no desfecho de recém-nascidos prematuros. *Comunicação em Ciências da Saúde*. 2018;29(04). <https://revistaccs.espdf.fepecs.edu.br/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/294/242>
4. Betancur HNC, et al. Fatores socioeconômicos associados ao baixo peso ao nascer na região dos Andes do Peru. *Mundo Saúde (Online)*. 2024;48:e16602024. <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1580680>
5. Belfort GP, et al. Determinantes do baixo peso ao nascer em filhos de adolescentes: uma análise hierarquizada. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018;23:2609-2620. <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n8/2609-2620/pt/>
6. Coelho JMF, et al. Associação entre qualidade do pré-natal e baixo peso ao nascer em uma instituição hospitalar em Feira de Santana. *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*. 2018;8(2):01-07. <https://www.redalyc.org/journal/5704/570463736003/html/>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

7. GAÍVA, M A M et al. Óbitos neonatais de recém-nascidos de baixo peso ao nascer. Revista Eletrônica de Enfermagem. 2018;20:v20a18-v20a18. <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47222>
8. Pires PLS, et al. Introdução da alimentação complementar e fatores associados em recém-nascidos pré-termo e com baixo peso: estudo de coorte prospectivo. Cad Saúde Publica. 2024;40(8):e00194923.
9. Magalhães ALC, et al. Proporção e fatores associados a Apgar menor que 7 no 5º minuto de vida: de 1999 a 2019, o que mudou?. Ciênc. Saúde Colet. (Online). fev. 2023;28(2):385-385. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1421159>
10. Chermont AG, et al. Fatores de risco associados à prematuridade e baixo peso ao nascer nos extremos da vida reprodutiva em uma maternidade privada. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2020;39:e2110-e2110. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2110/1236>
11. Tavares GPC, et al. Fatores de risco de baixo peso ao nascer: estudo analítico ecológico de múltiplos grupos. Jornal Memorial da Medicina. 2019;1(2):46-56. <https://www.jornalmemorialdamedicina.com/index.php/jmm/article/view/17>
12. Chermont A, et al. Fatores associados ao baixo peso ao nascer em uma maternidade pública. Pará Research Medical Journal. 2019;3(1):1-9. <https://prmjournal.emnuvens.com.br/revista/article/view/89/86>
13. Kairala ALR, et al. Prevalência e fatores de risco para desenvolvimento de hemorragia peri-intraventricular em recém nascidos muito baixo peso em uma UTI neonatal. Brazilian Journal of Health Review. 2020;6:19425-19437. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/22121/17666>
14. Ferreira RR, et al. Análise de fatores de risco para baixo peso e prematuridade em recém-nascidos de gestantes adolescentes em Feira de Santana–BA no período 2006 A 2012. Anais dos Seminários de Iniciação Científica. 2017;21. <https://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/2557>
15. Teixeira JAM, et al. Mortalidade no primeiro dia de vida: tendências, causas de óbito e evitabilidade em oito Unidades da Federação brasileira, entre 2010 e 2015. Epidemiologia e Serviços de Saúde. 2019;28(1):e2018132. <https://www.scielo.br/j/ress/a/b553sbJ6YVR3PznZkqdrJ/>
16. Veras DS, et al. Perfil clínico de recém-nascidos em uma unidade de terapia intensiva neonatal no Amazonas, norte do Brasil: estudo observacional, retrospectivo. 2019. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6978>
17. Nascimento RRP, et al. Frequência da síndrome do desconforto respiratório neonatal em uma unidade de terapia intensiva em Manaus, Amazonas. 2020. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8402>
18. De Albuquerque Ribeiro T, et al. Panorama da saúde do município Careiro da Várzea, Amazonas. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2020;12(10):e4239-e4239. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4239>
19. Da Silva Reis MH, et al. O impacto do advento de uma Unidade Básica de Saúde Fluvial na assistência aos povos ribeirinhos do Amazonas. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2020;53:e3631-e3631. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3631>
20. Takakashi CL, et al. Condições de vida e saúde de ribeirinhos da Floresta Nacional de Pau Rosa, Maués Amazonas-Brasil. 2021. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8683>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

SAÚDE DA CRIANÇA: PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM BAIXO PESO NO AMAZONAS
Pamelly Almeida de Souza, Keitiane Aires da Silva, Luan Gabriel Bezerra Pedrosa

21. Dolzane RS, et al. Atenção básica no Amazonas: provimento, fixação e perfil profissional em contextos de difícil acesso. Trabalho, Educação e Saúde. 2020;18(3):e00288120. <https://www.scielo.br/j/tes/a/hhHHV9zz8WKyQPVK3LtYfvF/?lang=pt>